



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A.C. SIMÕES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

ERIGLEISSON PROCÓPIO DOS SANTOS

**POBRES CRIATURAS: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A TEORIA DA SEXUALIDADE
DE FREUD E A JORNADA DE BELLA BAXTER**

MACEIÓ - AL

2024

ERIGLEISSON PROCÓPIO DOS SANTOS

**POBRES CRIATURAS: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A TEORIA DA SEXUALIDADE
DE FREUD E A JORNADA DE BELLA BAXTER**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Alagoas, como requisito do Programa de Graduação em Psicologia, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang.

MACEIÓ - AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4/661

S237p Santos, Ericleisson Procópio dos.
Pobres criaturas : uma articulação entre a teoria da sexualidade de Freud e a Jornada de Bella Baxter / Ericleisson Procópio dos Santos. – 2024.
27 f. .

Orientador: Charles Elias Lang.
Monografia Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 27.

1. Freud, Sigm., 1856-1939. 2. Sexualidade. 3. Análise fílmica. 4. Pobres criaturas (Filme). 5. Psicanálise. I. Título.

CDU: 159.964.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO/A: Erigleisson Procópio dos Santos

TÍTULO: POBRES CRIATURAS: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A TEORIA DA SEXUALIDADE DE FREUD E A JORNADA DE BELLA BAXTER

BANCA EXAMINADORA:

Prof.Dr.Charles Elias Lang
ORIENTADOR/A

Prof. Dr. Everton Fabrício Calado
AVALIADOR



Documento assinado digitalmente
SAULO LUDERS FERNANDES
Data: 03/12/2024 08:06:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Saulo Luders Fernandes
COORDENAÇÃO DE TCC

AGRADECIMENTOS

Pude compartilhar da alegria e expectativa das pessoas que me são próximas durante o período de graduação. Cada palavra de carinho e incentivo é valiosa. Sou grato a todos estes, aqui representados por meu tio, Elson, que não me verá formado. Obrigado, tio.

À Gírlene Procópio, minha mãe; a Aldo Tertuliano, meu pai; à Evelly Nayara, minha irmã. Vocês são minha família com quem tenho o prazer de dividir a vida.

À Maria Beatriz, minha melhor companhia;

Ao amigo-irmão que a Paraíba me deu e a Pajuçara consagrou, Manuel Neto;

À pessoa que me apresentou a clínica psicanalítica, não só um agradecimento, mas minha admiração, Charles Lang, meu orientador;

A Francisco Jafet, meu amigo, pelas discussões de texto e ideias;

Aos amigos Lucas Farias e Vitória Lylian, caminhamos juntos durante o curso de graduação;

À Elen, minha sogra, por todo o carinho e cuidado.

Come chocolates, pequena;

Come chocolates!

Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.

Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.

Come, pequena suja, come! (Fernando Pessoa)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o desenvolvimento da sexualidade da personagem Bella Baxter, interpretada por Emma Stone, por meio de uma análise fílmica do longa *Pobres criaturas* (2023), dirigido por Yorgos Lanthimos. Para fundamentar a investigação, adota-se como referencial teórico os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* de Sigmund Freud (2016). Ao longo da análise, são identificadas convergências significativas entre o enredo do filme e os conceitos fundamentais da obra psicanalítica, revelando paralelos entre a trajetória da personagem e as teorias freudianas sobre sexualidade.

Palavras-chave: Pobres Criaturas; Análise Fílmica; sexualidade; Freud; Psicanálise.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the development of Bella Baxter's sexuality, a character portrayed by Emma Stone, through a film analysis of *Poor Things* (2023), directed by Yorgos Lanthimos. The theoretical framework is based on Freud's *Three Essays on the Theory of Sexuality*. Throughout the analysis, significant convergences between the film's plot and the fundamental concepts of psychoanalytic theory are identified, revealing parallels between the character's trajectory and Freudian theories of sexuality.

Keywords: Poor Things; Film Analysis ; Sexuality; Freud; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ANÁLISE FÍLMICA E PSICANÁLISE.....	10
3 TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE.....	12
4 POBRES CRIATURAS E OS TRÊS ENSAIOS.....	16
4.1 As personagens.....	16
4.2 Prelúdio.....	16
4.3 Lisboa.....	19
4.4 O navio e Alexandria.....	21
4.5 Paris.....	22
4.6 Londres.....	24
5 Considerações finais.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Cinema e psicanálise nem sempre estiveram interligados, apesar da proximidade de tempo em que ambos, contemporâneos, surgem. O próprio Freud, relutante em fazer contribuições à sétima arte, recusou um convite. Ao que se sabe, parte por sua experiência desanimadora ao frequentar as exhibições da época, parte por não acreditar que era possível a construção de um filme que fosse aproveitado no meio da psicanálise (RIVERA, 2008).

Todavia, as produções cinematográficas cresceram e estão mais elaboradas com o passar do tempo, tanto pelo aperfeiçoamento de técnicas, quanto pelo surgimento de novas tecnologias que permitem ao espectador experienciar filmes de uma forma cada vez mais complexa. Os desagradáveis *Nickelodeons*, mencionados por Rivera (2008), que estavam presentes na época de Freud, agora dão lugar a variadas salas de cinema feitas para proporcionar conforto aos seus usuários. Assim, é perceptível que o cinema cresceu, ampliando seu escopo, inclusive, para o aparato teórico presente na psicanálise.

Uma das mudanças presentes no cinema diz respeito à formação de escolas e movimentos estéticos, sendo um desses a Estranha Onda Grega, nome dado às adaptações de diretores gregos na produção de seus filmes em resposta à crise da Grécia neste século. Apesar de não ser necessariamente um movimento aderido pelos diretores, mas um título dado à tendência que se via nas produções cinematográficas, revelou nomes importantes, como Yorgos Lanthimos, responsável por dirigir o filme de 2023 o qual este trabalho propõe-se a analisar: *Pobres Criaturas* (VARMAZI, 2019).

O longa-metragem, uma adaptação do livro homônimo de Alasdair Gray, contempla uma mistura de ficção científica e comédia e é protagonizado por Emma Stone, que interpreta Bella Baxter e cuja atuação lhe rendeu o Oscar de melhor atriz em 2024. O desenrolar da trama se baseia no fato de que Bella é uma criação do Dr. Godwin Baxter que, ao encontrar o corpo de uma grávida beirando à morte, transplantou nela o cérebro do bebê que estava gestando, dando origem a uma nova criatura. Premissas de novas criações em ficção são, de certo modo, corriqueiras, desde o romance escrito por Mary Shelley em 1818, *Frankenstein* ou o Prometeu moderno. Apesar da inspiração, Bella não é o monstro horrendo descrito por Shelley, mas dona de uma beleza única e um impasse: sua idade não pode ser definida, visto que seu cérebro não está em sintonia com o resto do corpo.

O embaraço mencionado é fundamental para o desenrolar de *Pobres Criaturas* (Lanthimos, 2023). Somado ao fato do filme tomar caminhos que expõem a sexualidade de Bella, surge um interesse particular no desenvolvimento da personagem, afinal, como aponta Freud

(2016), as experiências vividas na infância contribuem para o desenvolvimento sexual ao longo da vida. Percebe-se, na narrativa do filme, a relação entre o desenvolvimento da personagem e as experiências da sua sexualidade, cujos temas tangenciam o aparato teórico da psicanálise, especialmente no que toca os conceitos dos Três Ensaios Sobre a teoria da sexualidade, de Freud.

Dessa forma, objetiva-se analisar as relações de Bella Baxter para entender o desenvolvimento de sua sexualidade enquanto alguém que não experienciou um corpo de bebê, mas pode ter vivido algo semelhante à infância e puberdade. Para tanto, foi utilizada a metodologia de análise fílmica proposta por Vanoye (1994), ferramenta de produção acadêmica presente em variadas áreas de estudo. Consoante a isto, Rivera (2008) e Weinmann (2017), discorrem sobre a possibilidade da metodologia ser empregada em estudos psicanalíticos. Isto posto, como referencial teórico para embasar a análise da sexualidade de Bella, recorreu-se ao já citado texto de Freud: *Três Ensaios Para Uma Teoria da Sexualidade*, texto original de 1905.

2 ANÁLISE FÍLMICA E PSICANÁLISE

A análise deste trabalho parte do objetivo de observar o desenvolvimento psíquico da personagem protagonista de *Pobres Criaturas*: Bella Baxter, que, em termos simplórios, tem o cérebro de um bebê, embora possua um corpo adulto. Nesse sentido, procurou-se analisar o filme a partir da perspectiva psicanalítica, mais especificamente, analisar a trajetória de Bella Baxter sob a égide dos Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade, de Freud (2016), uma vez que este trata sobre o desenvolvimento da função sexual e de maneira germinal sobre as vicissitudes da pulsão sexual. Para tanto, delimitar-se-ão os conceitos centrais ao texto base e indicar-se-ão certos momentos-chaves acerca do desenvolvimento de Bella Baxter.

Para Vanoye (1994), a análise de um filme ou o fragmento de um filme consiste no processo de decomposição dos elementos do objeto-filme que compõem o seu todo através da descrição seguido de um estabelecimento de elos entre esses elementos isolados “[...] para fazer surgir um todo significativo” (p. 15), em outros termos, trata-se em suma de um processo de desconstrução e reconstrução.

Em consonância com a perspectiva de Vanoye (1994) acima descrita, Weinmann (2017) articula análise fílmica à psicanálise e afirma que os elementos fílmicos inserem-se no campo da linguagem numa perspectiva lacaniana, isto é, que a linguagem ao não se confundir com o conceito de língua torna-se uma estrutura cujo conjunto de elementos que permitem trocas simbólicas e produzem sentido, mais especificamente:

Em Lacan, a linguagem não é a língua da linguística nem as linguagens da semiologia. Ela consiste em uma estrutura formal, cujos elementos — os significantes — remetem-se uns aos outros, produzindo efeitos de sentido de acordo com uma lógica combinatória, a qual se delinea a partir de uma falta primordial: a de *das Ding*. As permutações simbólicas permitidas por tal estrutura constituem-se em condição de possibilidade da emergência de um sujeito (p. 08)

Rivera (2008) e Weinmann (2017) inserem o cinema no campo da linguagem e como objeto passível de pesquisa psicanalítica, contanto que se leve em consideração as próprias especificidades da linguagem cinematográfica em pesquisa, logo,

Analisar o cinema como uma linguagem singular a partir da psicanálise pressupõe pôr em relevo a composição formal de um filme. Dito de outro modo, implica priorizar não a narrativa, mas as operações — repetições, variações, alternâncias, etc. — por meio das quais os signos filmicos se remetem uns aos outros, suscitando efeitos de sentido (WEINMANN, 2017, p. 08)

A característica audiovisual do objeto cinematográfico, sendo linguagem, delimita, então, um enquadramento e, por extensão, um campo consciente e inconsciente inerente à linguagem cinematográfica, assim como de sua experiência, cuja teorização formal encontra-se dispersa, embora alguns autores, seja do campo psicanalítico ou do campo da semiótica, a discutam (RIVERA, 2008; WEINMANN, 2017).

Nessa linha de pensamento, a análise fílmica psicanalítica, ao decompor o texto fílmico, repete-o através do rearranjo de seus significantes, introduzindo no texto variações, a fim de que se delimite uma Outra Cena (RIVERA, 2008; WEINMANN, 2017). Dessa forma, ao passo que a desconstrução consiste numa decomposição dos elementos via uma descrição, a reconstrução consiste num rearranjo das descrições em um todo que não corresponde à feitura concreta do filme, assim, “É uma ‘criação’ totalmente assumida pelo analista, é uma espécie de ficção, enquanto a realização continua sendo uma realidade” (VANOYE, 1994, p. 15) e, assim sendo, a análise é uma criação do analista, uma espécie de nova ficção que “[...] por sua atividade, à sua maneira, faz com que o filme exista” (VANOYE, 1994, p. 15).

Portanto, em consonância com Rivera (2008) e Weinmann (2017), “A análise fílmica psicanalítica não consiste em um método, mas em uma singular reflexão de cunho metodológico, [...]” (WEINMANN, 2017, p. 09) na qual impera pensar o objeto fílmico como linguagem e pensar “[...] a possibilidade de um sujeito advir nessa estrutura” (p. 09), sujeito este que, sendo sujeito falante, constrói um discurso próprio a partir do lugar faltante da obra cinematográfica.

3 TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE

Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade é um texto publicado por Freud em 1905 e que, apesar de incipiente, configura-se como uma das obras basilares da teoria psicanalítica, visto que estabelece os alicerces da teoria da sexualidade freudiana. Tal texto parte do problema das necessidades sexuais humanas e de como estas estão relacionadas à natureza e a uma série de características de um instinto sexual.

De maneira geral, dois aspectos fundamentais à compreensão do instinto sexual associam-se: são o de objeto sexual e o de meta sexual. Esses dois aspectos apresentam grandes desvios no decorrer da história da função sexual do sujeito, e implicam, nesse sentido, na diversidade da sexualidade humana. Ao estudar uma forma específica de desvio da sexualidade, a saber, a inversão ou, como conhecida atualmente, a homossexualidade, Freud rastreia a história da sexualidade do sujeito a um momento anterior à puberdade, isto é, à infância. Assim, configura a sexualidade humana como autoerótica no período infantil e como erótica pós-puberdade.

Objeto sexual e meta sexual seriam, respectivamente, a pessoa a qual o instinto sexual é impelido e a ação pela qual o instinto percorre. Dessa maneira, ao se voltar à opinião popular, é possível perceber que a norma seria a união sexual entre um homem e uma mulher com o objetivo de cópula (FREUD, 2016). Nesse sentido, coloca-se a possibilidade de ocorrerem desvios relativos a uma norma tanto no que concerne ao objeto sexual quanto à meta sexual. Primeiro, são abordados no texto os desvios relativos ao objeto sexual, como no caso dos invertidos, as pessoas cujo objeto sexual não é restrito ao sexo oposto e as que podem ser absolutamente invertidas, no caso de pessoas com o objeto sexual fixado exclusivamente no mesmo sexo (homossexuais e lésbicas, trazendo para uma leitura contemporânea, os termos não são usados na nomenclatura freudiana); invertidos anígenos, cujo objeto sexual pode variar entre um sexo e outro sem o caráter de exclusividade e invertidos ocasionais, cujo objeto sexual pode ser do mesmo sexo, mas a depender da circunstância da falta do sexo oposto (FREUD, 2016).

Ademais, ainda no tocante aos desvios do objeto sexual, Freud (2016) traz a questão do instinto sexual destinado a pessoas sexualmente imaturas (crianças) e animais e afirma ser comum entre moradores do campo o ato sexual com outras espécies, assim como o abuso sexual de crianças por professores ou cuidadores, por exemplo. Essa relação, segundo o autor, estaria associada mais à oportunidade de fazê-lo do que necessariamente a uma condição patológica do indivíduo; deve-se levar em conta que os impulsos da vida sexual são os menos controlados pela atividade psíquica. De todo modo, existem casos patológicos que se encaixam nessa descrição, assim como existem pessoas sem qualquer patologia que também se encaixam, então atribuir tais

comportamentos exclusivamente às pessoas com adoecimentos mentais não estaria correto (FREUD, 2016).

No tocante aos desvios da meta sexual, é preciso considerar que a meta sexual normal seria a união dos genitais na cópula, de modo que busque saciar o instinto sexual momentaneamente. A partir disso, o que foge à norma é denominado de perversão¹ e pode se dar de duas maneiras: “*extensões* anatômicas das áreas do corpo determinadas para a união sexual” (FREUD, 2016, p. 41, grifo do autor) ou “*permanecimento* nas relações intermediárias com o objeto sexual” (FREUD, 2016 p. 41, grifo do autor).

A meta sexual, logo, não se resume aos genitais do objeto sexual, mas a todo o corpo e, ainda, se relacionam a ela fatores psíquicos, como a submissão. A utilização da boca no beijo, por exemplo, pode não ser vista como uma perversão, a não ser quando é utilizada nos genitais do objeto sexual. Nesse caso, a justificativa desta visão se encontra no caráter do nojo que está relacionado à libido como uma barreira limitante da meta sexual. Além do asco, há menção a outras resistências que cumprem papel similar, são elas: vergonha e dor, além de construtos morais. Ainda assim, essas barreiras podem ser superadas pelo instinto sexual (FREUD, 2016).

Freud (2016) também ilustra que a “persistência no toque não poderá ser incluída entre as perversões, desde que o ato sexual prossiga” (FREUD, 2016, p. 49), portanto, a perversão estaria relacionada a desvios que excluem ou impossibilitam a meta sexual. Ademais, a meta sexual pode ser encontrada em sua forma ativa e passiva, é tomado como exemplo o sadismo e o masoquismo, que apresentam, respectivamente, uma forma ativa e outra passiva da mesma meta sexual, outros exemplos seriam o exibicionismo e voyeurismo. Em ambos os exemplos, o caminho para a meta sexual é o mesmo; o primeiro tem como base a superação da dor e o uso da agressividade, na forma ativa (sádica) ou na passiva (masoquista); já o segundo, consiste na superação da vergonha através do prazer em olhar (voyeurismo) e do prazer em ser olhado (exibicionismo) (FREUD, 2016).

Como pontuado, Freud (2016) não necessariamente concorda com o que é popularmente difundido no que diz respeito ao instinto sexual não estar presente na infância e só aparecer na puberdade. De início, houve apenas uma menção a este aspecto, mas há uma retomada no texto na qual são elucidados alguns aspectos sobre o período da infância e o aparecimento da sexualidade. Por exemplo, na literatura da época, constam episódios de manifestações sexuais infantis, mas são sempre colocadas como anormais e vistas com algum espanto. Parte dessa

¹ Embora exista uma estrutura clínica denominada perversão, aqui essa palavra se refere a mudança da meta sexual.

exclusão está relacionada ao período de “amnésia infantil”, que, segundo Freud (2016), seria responsável pelo esquecimento do início da infância na maioria dos indivíduos.

Parte importante para o desenvolvimento sexual infantil tem a ver com o que é denominado pelo autor de período de latência, período da infância no qual o instinto sexual é suprimido — total ou parcialmente. Assim, sua relevância consiste principalmente porque é nesse tempo que instâncias psíquicas são preparadas e ocorre a formação das barreiras citadas (nojo, vergonha e moral). Apesar de se acreditar que a educação é responsável por criar esses entraves, estes podem surgir apenas por influência orgânica em alguns casos. Ainda sobre esse período, para responder à questão de como são formadas essas barreiras, Freud (2016) menciona o que é chamado de sublimação, um conceito importante dentro da obra freudiana que consiste no instinto ter sua meta atendida por caminhos não-sexuais, desse modo, a meta permaneceria a mesma, mudando apenas a forma de alcançá-la, o que implica no destino do instinto sexual para realizações socialmente aceitas.

No que concerne às manifestações sexuais infantis, há um foco no ato de chupar ou sugar com leite, que serve para ilustrar como são formadas as zonas erógenas, definidas como “uma parte da pele ou mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade” (FREUD, 2016 p. 87). O ato de chupar, no bebê, deriva de uma necessidade básica de conservação da vida, a alimentação. Contudo, essa mesma ação também é utilizada por ele sem essa finalidade, quando passa a usar seus lábios em objetos ou outras partes do corpo, apenas pela sensação prazerosa do ato. Em outras palavras, o instinto sexual tem seu início autoerótico (sem objeto sexual), deriva de uma função vital e tem sua meta em uma zona erógena, assim, a criança tende a buscar a satisfação do instinto em uma área já utilizada para outros fins, aliviando a tensão (desprazer) gerada pelo mesmo (FREUD, 2016).

O texto já menciona um certo caminho que tende em passar da estimulação de zonas erógenas para a masturbação quando adicionados alguns elementos como o atrito de uma parte do corpo na outra. Além disso, as manifestações sexuais masturbatórias caracterizam-se por certo grau de complexidade que geralmente não lhes são atribuídas, assim:

Resultará em benefício da clareza afirmar que devemos distinguir três fases na masturbação infantil. A primeira delas pertence ao período de amamentação; a segunda, ao breve período de florescimento da atividade sexual, por volta dos quatro anos; apenas a terceira corresponde à masturbação da puberdade, frequentemente a única levada em conta (FREUD, 2016 p. 95).

Primeiro, é mencionada a atividade na zona anal, através da retenção de fezes para o aumento do estímulo, que pode, em alguma medida, promover a ocorrência da masturbação anal

por parte da criança. Na mesma fase, há a atividade nas zonas genitais que, de mesmo modo, se baseia na estimulação do local, é dado o exemplo da fricção com as coxas em que o autor pontua “esta última medida é, de longe, a mais frequente entre as meninas” (FREUD, 2016 p. 94). Ademais, como as barreiras psíquicas estão se formando nessa fase, ou não foram formadas, as crianças podem ser induzidas às perversões, isso é chamado de predisposição polimorficamente perversa (FREUD, 2016).

As crianças possuem relativo interesse pelos problemas sexuais: é comum, desde cedo, o questionamento de onde vêm os bebês e, baseando-se na suposição de que todos possuem genitais iguais ao seu – no caso do menino, por exemplo, a imaginação de que o pênis é universal. No entanto, ao deparar-se com o sexo oposto, o menino descobre que nem todos têm pênis e a menina, por sua vez, acredita que algo lhe falta, essa dinâmica é chamada, respectivamente, de complexo de castração e inveja do pênis. Dessa forma, pode-se observar o caminho citado até aqui, onde inicialmente o desenvolvimento sexual infantil tem centralidade oral (o ato de sugar), passando pela fase anal (retenção das fezes) e culminando no que se acabou de discutir, a fase fálica (FREUD, 2016).

Com as mudanças observadas na infância, algumas características no que se refere ao instinto sexual passam por alterações. Dito isso, na puberdade, o instinto sexual passa a ter objeto sexual, não mais puramente autoerótico, e a meta sexual se estabelece na função reprodutiva. Além disso, há o crescimento dos genitais externos e o acúmulo do que Freud chama de produtos sexuais, isto é, os gametas. Além disso, a excitação do aparelho sexual pode ser de três formas: mundo exterior, interior orgânico e psíquico. Por sua vez, a excitação sexual consiste no acúmulo de tensão gerada através destes estímulos, ainda são sentidas alterações momentâneas nos genitais como o umedecimento da vagina e a ereção do pênis (FREUD, 2016).

A leitura que pode ser feita aqui é que a pulsão sexual alcança a satisfação com o ato sexual em si, tanto que são colocadas como perversão algumas configurações preparatórias ao coito quando não progridem à meta sexual final. Então, esses mesmos movimentos que preparam para o sexo — como o olhar e o toque ou a estimulação de zonas erógenas — geram uma sensação prazerosa na medida em que também aumentam a tensão/excitação sexual. Por sua vez, a tensão, uma vez aumentada, precisa esvaziar, encontrar a satisfação de alguma forma, então ela demanda por mais. Essa demanda/necessidade é tida como desprazer (FREUD, 2016).

De todo modo, pode-se entender a libido como uma medida para a excitação sexual, podendo se ligar e desvincular de objetos sexuais, direcionando, por assim dizer, o instinto sexual. Inicialmente está ligada ao eu, em uma forma narcísica, como visto na formação de zonas

erógenas, o próprio corpo toma o lugar de objeto sexual. Em um segundo momento, o objeto sexual passa a ser um externo, sendo chamado de (re)descoberta do objeto (FREUD, 2016).

4 POBRES CRIATURAS E OS TRÊS ENSAIOS

4.1 As personagens

A protagonista Bella Baxter, uma mulher cujo cérebro foi trocado pelo de um bebê, é a criação do cientista Godwin Baxter, um homem com aparência monstruosa devido aos experimentos feitos pelo pai em seu corpo ao longo da vida. Também há Max McCandless, ajudante de Godwin e inicialmente responsável por registrar o desenvolvimento de Bella. A governanta, Sra. Prim, aparece em alguns momentos do filme, ela trabalha para Godwin no que envolve a manutenção da casa. Além desses, Duncan Wedderburn é um dos coadjuvantes mais importantes, fundamental para o desenvolvimento da narrativa. Para além das citadas, vale a menção de Martha e Harry, importantes no capítulo do navio, ao passo que, no arco de Paris, Toinette e Swiney fazem parte da trama. Também é válida uma breve menção à Victoria Blessington, a mulher que deu origem à Bella através do experimento de Godwin, e a Alfredo Blessington, seu marido.

4.2 Prelúdio

Alguns elementos importantes são observados na primeira cena de Pobres Criaturas (Lanthimos 2023): uma paleta de cores dominada pelo azul e tons frios e uma música urgente acompanham uma mulher em trajes vistosos que se precipita de uma ponte. Em seguida, ocorre uma virada estética no aspecto visual: a paleta de cores se reduz ao preto e ao branco. A mulher agora está em trajes excêntricos e um tanto infantis. Ao tocar um piano desajeitadamente, passa a ser observada por uma segunda figura.

No decorrer das cenas, são mostradas algumas interações entre Bella e a segunda figura: Godwin Baxter. Godwin parece sempre observar Bella: primeiro enquanto ela toca o piano, depois quando bate os talheres na mesa como uma criança impaciente durante uma refeição, além de evitar o uso dos talheres e usar somente as mãos para levar comida à boca. Uma observação importante é que o filme transmite a sensação de que ela é uma criança, ou melhor, se comporta como uma, mas se pode ver claramente seu corpo adulto. A construção narrativa se dá a partir de elementos que colocam Bella como uma criança continua: aplausos desajeitados e entusiasmados

com algo simples, quebras incessantes de pratos ou não conseguir pronunciar direito as palavras que saem pela metade.

Uma nova personagem é introduzida em uma aula de anatomia ministrada por Godwin: Max McCandless, um admirador do trabalho de Godwin, que é por ele convidado a ser seu assistente e aceita, sendo apresentado à Bella. Godwin descreve-a como alguém que sofreu lesão cerebral e cuja idade mental e corporal não estão “em sintonia”, embora afirme que “ela está aprendendo a falar e evolui aceleradamente”. O cientista dá uma tarefa ao assistente: anotar a evolução de sua criatura “meticulosamente”. A cena termina com Bella tentando pronunciar algo como “xi...” e não demora para que seja autoexplicativo a qual palavra ela estava tentando se referir, quando urina nas roupas e no chão.

A trama se desenrola e, ao acompanhar Bella, McCandless passa a desconfiar de algo, principalmente do fato de Godwin manter Bella sempre presa, até vasculhar algumas anotações e confrontá-lo, descobrindo, assim, que Bella se trata da junção do corpo de uma mulher com o cérebro de um bebê transplantado.

Bella acorda, a câmera foca em seu rosto enquanto a cena dá a entender que ela se masturbava. Na exibição seguinte, há a comprovação, quando ela repete o ato: sentada para o café da manhã, utilizando-se de uma maçã. É o descobrimento da masturbação e, por consequência, do orgasmo. Segundo Freud (2016), a estimulação de zonas erógenas, frequentemente leva à masturbação, o estímulo dos genitais está presente na infância e puberdade. Apesar de não se saber a idade da personagem, a construção da trama se dá de modo que os espectadores incorrem nesse caminho: achar que ela está na infância/puberdade. Ainda de acordo com o autor, é comum que objetos sejam usados no ato, no caso de Bella, vegetais.

Contudo, no mesmo momento em que Bella “descobre ser feliz quando quiser”, o nome que ela dá à masturbação, descobre também a censura quando tenta “consertar o rosto amargo” da Sra. Prim que chega no cômodo: Bella tenta repetir o ato na mulher que a repreende imediata e veementemente. McCandless chega ao ambiente e Bella “descobrir e precisa contar”. Dessa vez, ela tenta usar consigo mesma um pepino para demonstrar a McCandless sua descoberta, mas ele também a repreende e pontua que “na sociedade polida, isso não era aceitável”. Vale ressaltar que os construtos sociais mencionados aqui, também são descritos por Freud (2016) como uma das principais barragens em relação ao instinto sexual – além do nojo, dor e horror – e estão presentes ao longo do filme.

Em dado momento, Godwin propõe a McCandless que este se case com Bella, afirmando ver amor entre os dois. Todavia, o diálogo desta cena evidencia a vontade de Godwin: mantê-la presa à casa onde habitavam. Em contraposição, um flashback expõe a vontade de Bella

em um pedido feito a McCandless: “levar Bella para fora”. Durante as lembranças de McCandless, Bella parece experimentar novas sensações com o corpo, passando a língua na orelha dele e mencionando “arrepio”, em seguida pedindo para que ele repetisse nela. De acordo com Freud (2016) a orelha está presente em algumas manifestações sexuais infantis, no ato de sugar, que precede a masturbação. O diálogo continua e se pode perceber o constante julgamento moral em relação ao sexo, principalmente por parte de McCandless, pois, em outra cena, ele sugere para Bella que se casem, e Bella, por sua vez, diz que eles toquem a genitália um do outro, mas ele recusa, afirmando não querer se aproveitar dela e que poderiam depois de casados.

A condição de Godwin para o casamento é que ambos morem com ele para sempre e ele manda preparar um acordo nupcial; é mostrado Bella tentando abrir uma das janelas e sendo impedida por um cadeado. Duncan Wedderburn é o advogado responsável por fazer o contrato nupcial, e que, enquanto Godwin o lê, bisbilhota pela casa à procura da mulher que inspirara tal contrato. Ao encontrá-la, se interessa por tamanha beleza e, ao denunciar o contrato dos dois, flerta com Bella. Duncan toca-a entre as pernas e desperta o interesse de Bella.

O advogado ainda entra em contato com Bella mais uma vez. Ela questiona-o se ele não a viu “trabalhando para ficar feliz” e diz saber que “não é polido”. À medida que transcorre o diálogo, Duncan pontua sua percepção acerca da sociedade polida: “a sociedade polida destrói a alma”; diz que Bella é prisioneira e que pretende libertá-la, ela aplaude. Assim, Duncan convida-a para Lisboa e ela diz que “God não permitiria”, ao que Duncan retruca, “por isso perguntei a você e não a God” e morde a mão dela, Bella parece gostar. Duncan havia mencionado pouco antes que há algo faminto em Bella, faminto por liberdade e toque.

Corta para a cena seguinte: Bella dá a grande notícia para Godwin que fugirá escondida “hoje à meia-noite”. Há um breve diálogo com Godwin, que é contrário à ideia e a lembra de seu compromisso com McCandless. No entanto, Bella diz que se casará com McCandless, mas que quer se aventurar com Duncan, ademais, ainda pontua estar ciente de que ele não se importa com a possibilidade de que ela se machuque, mas que quer ir mesmo assim.

McCandless até tenta impedi-la, dizendo que Duncan é um ricoço que se insinua para mulheres inocentes e não a culpava por isso. Ao passo que Bella, dotada de uma sinceridade sem limites, responde “é mais os olhos dele nos meus, e as mãos entre as pernas da Bella e sussurros que não consigo ouvir, mas ‘aquecer’ meu corpo”, ele fica chocado ao ouvi-la e sempre trata a situação como sendo Duncan enganando e se aproveitando dela. Ela não é impedida de ir e o prelúdio termina com Godwin e McCandless conversando, o noivo está preocupado porque “ela está lá fora sozinha” e Godwin diz que “ela vai se sair bem”.

É interessante notar a preocupação de McCandless tratando-a como alguém que está próxima de uma ingenuidade quase infantil (ou de fato infantil). É pela visão de McCandless que é lembrado: embora o corpo seja adulto, não se sabe a idade do cérebro. Em outras palavras, há uma sensação de que Bella é uma criança e que é jovem demais para certas coisas, inclusive o sexo; esse incômodo já está presente em Freud (2016), na referência à atividade sexual com crianças em aberrações sexuais, e se mantém presente na cultura até os dias atuais, em outras palavras, o que a narrativa faz é confrontar o espectador com sua própria moral.

Assim, o filme contrasta uma cena de profunda preocupação de McCandless que se encerra com a frase “espero que ela esteja bem”, fazendo quem assiste se questionar se ela seria ou não uma criança, com um corte seco para uma cena de sexo entre Bella e Duncan em Lisboa. A partir deste ponto, o filme retoma uma paleta de cores, embora esta seja diferente da inicial, com uma amplitude maior de cores e tonalidades e alta saturação, informando uma espécie de ampliação da percepção de Bella acerca do mundo à sua volta. É importante notar, neste ponto, a ordem em que o filme apresenta os elementos importantes para a construção narrativa da história: as personagens, as cores e a premissa. Nada é necessariamente apresentado com muita explicação e algumas coisas não são claras propositadamente. Por exemplo, qual a idade de Bella?

A narrativa, dessa forma, induz o público a algumas coisas, como tentar responder à pergunta, mesmo que não em idade, mas identificar em que fase do desenvolvimento Bella está (infância, adolescência, adultez...). Com a adição de elementos culturalmente decididos para fases específicas, como o sexo que é interdito a crianças, o filme causa a sensação de estranheza e indefinição, jogando com nossa definição de moral e causando uma espécie de deslocamento. Bella e Duncan fazem exatamente a interposição deste sentimento: o sexo com alguém que pode ser uma criança e, junto às interlocuções de McCandless, intensificam essa percepção de interdito. Além disso, os afetos à personagem de Duncan criam-se em função do olhar de McCandless: um aproveitador da inocência.

4.3 Lisboa

Nas cenas de Lisboa, Bella tende a usar um tom literal em qualquer abordagem, mesmo quando os outros personagens usam de ironia e não entende muito bem os efeitos práticos do sentido figurado em diálogos, o que traz um aspecto cômico para o filme, mas contribui para a impressão que McCandless escancara. A partir da leitura de Freud (2016), percebe-se que a cultura estabelece normas, e se pode incluir nisso as regras de etiqueta e bons modos, a conduta

moral regrada é chamada no filme de sociedade polida e possui interlocuções significativas com Bella, principalmente nos períodos em que ela ainda não se habituou a isto.

Pobres Criaturas (Lanthimos 2023) envereda por uma exploração da sexualidade de Bella com cenas cada vez mais explícitas, porém, desta vez, o que interessa para a análise são os comentários e a curiosidade de Bella sobre o ato sexual, não os questionamentos morais já citados. Enquanto Duncan se gaba de “ser melhor que os outros homens”, Bella questiona “por que as pessoas não fazem mais isso?”. Quando Duncan menciona que “até ele” possui limites, Bella pergunta se seria “um problema fisiológico” ou “uma fraqueza dos homens?”. Ela demonstra estar em descoberta sobre as atividades sexuais, e passa a chamar o sexo de saltos furiosos, ela sempre usa figuras de linguagem para se referir ao ato, todavia, em alguma medida, é possível observar que o instinto sexual passou à meta normal. Outro ponto relevante, em resposta ao último questionamento da personagem: no homem adulto a excitação sexual se extingue com a eliminação de substâncias sexuais, provocando o arrefecimento momentâneo do instinto sexual (FREUD, 2016).

Na cena seguinte são introduzidas duas novas personagens: um casal amigo de Duncan. Bella cospe a comida e é interpelada por Duncan, estavam em um restaurante e o local certamente exigia etiqueta: “por que manter na boca se é asqueroso?”, questiona Bella. “Falei isso para Gerald”, diz Kitty, usando de ambiguidade e ironia. É interessante notar que Bella não tem receio, por isso, fala abertamente sobre qualquer coisa, então diz que Kitty “refere-se ao pênis dele, o do Duncan é meio salgado”. Como já mencionado, a sinceridade a todo custo de Bella produz uma narrativa chistosa, mas um grande embaraço para os outros personagens envolvidos.

Num momento posterior, uma mulher aborda Bella no hotel, chamando-a de Victoria Blessington e dizendo que não a vê há anos. Bella é rude com a mulher, dizendo que não se conhecem. Após este momento, Bella passeia sozinha e denota gostar de passeios sem Duncan, pois este ultimamente vem se mostrando altamente irascível, como na ocasião de outro jantar no qual ela passa a piscar de forma desajeitada e Duncan questiona seu comportamento. Na resposta da personagem, é mostrado que um homem havia piscado para ela em um flerte e ela o retribuía, ainda que, para Bella, tenha sido apenas “por polidez”.

A esta altura da narrativa, Bella, claramente, trata de fazer descobertas ao seu modo, às vezes sobre seu corpo, outras vezes sobre experiências distintas. Duncan, por sua vez, demonstra ciúmes e irritabilidade, algo que vai levar ao próximo arco do filme quando ele, de certa forma, encontra a solução para as saídas de Bella: levá-la para um navio em um cruzeiro. Ela volta a ficar trancada e se mostra completamente contrariada.

Em Lisboa, chamam atenção os primeiros contatos de Bella com o mundo exterior à casa de Godwin e à sua criação. O que é tido como mau-comportamento por Duncan pode ser percebido por quem assiste ao filme como uma forma de se expressar que ainda não foi completamente desenvolvida, talvez até infantil. Conviver em uma cultura é, por vezes, defrontar-se com a castração de vontades para ser aceito dentro de grupo. Bella não foi educada com base em uma convivência social, pelo contrário, Godwin sempre se mostrou contrário a isso. Entretanto, aconteceu dela viajar com um desconhecido e esses aspectos foram postos à prova. Duncan sempre tenta exercer controle sobre Bella e as experiências de sua sexualidade, na maior parte das vezes este recorre aos construtos socialmente estabelecidos como uma barreira ao instinto sexual de Bella.

4.4 O navio e Alexandria

O arco começa com Bella em seu profundo descontentamento ao ser colocada em um navio, Duncan diz que foi por amor, sentimento que faz parte do texto do filme de uma forma ou de outra. É neste ponto que Bella vê uma idosa e um homem sentados à mesa em sua frente: Martha e Harry. O desenrolar dos próximos acontecimentos se dá a partir do surgimento de uma amizade entre as duas novas personagens e Bella, ao passo em que cresce o aborrecimento de Duncan. O interesse da protagonista se volta para a leitura e conversas que tendem a ser cada vez mais profundas e complexas, ganhando níveis de abstração ainda não vistos nela.

Neste capítulo, o tema principal é sobre Bella ampliando sua visão de mundo e tomando consciência de quem ela é e pode ser em relação ao(s) outro(s) e as mudanças afetivas de Bella a respeito de Duncan. Desse modo, as interações dos dois são postas em um contraste: enquanto ele se apaixona e vive enciumado, ela descobre a leitura, faz novas amizades e o sexo parece ficar de lado. Em oposição à Lisboa, onde as cenas de sexo eram constantes e a narrativa girava em torno disso, no navio, sexo é apenas mencionado e vai perdendo a relevância, além disso, nota-se um desenvolvimento na fala de Bella, e ainda, uma melhor compreensão de ideias mais complexas e na formulação de pensamentos. Em suma, de acordo com Freud (2016), pode-se entender que o instinto sexual está empenhado em outras metas que não o sexo propriamente dito.

Em dado momento, Harry expõe para Bella as dores do mundo, partindo especialmente de uma perspectiva de classe socioeconômica: o contraste entre riqueza e pobreza está nítido: eles vão de bonde suspenso para um restaurante aristocrático, enquanto abaixo deles há pessoas em situação de miséria. Bella diz que precisam ajudá-los, mas Harry diz que, se descerem, “vão,

com todo direito, nos amarrar, roubar e estuprar. Se eles estivessem aqui e nós lá, faríamos o mesmo”.

Duncan tem passado seu tempo bêbado e jogando no cassino do navio, ao passo que Bella, ainda transtornada com o choque exposto por Harry, é enganada e perde todo o dinheiro de Duncan numa tentativa de ajudar as pessoas vistas em sofrimento. Esse é o gancho para um novo arco: serão expulsos do navio por não terem dinheiro, na próxima parada: Paris.

Pode-se considerar alguns aspectos sociais/filosóficos no confronto de Bella com ideias, livros e interposições de conceitos que vêm desde o arco do navio, Alexandria é um momento transitório que leva da expulsão do navio ao próximo: Paris. A descoberta da pobreza coloca o dinheiro num lugar abstrato, passando uma sensação de deslocamento em relação a ele, como se não fosse algo necessário ou simplesmente descartável. É justamente esse deslocamento em relação ao dinheiro que leva à expulsão do navio, a partir do momento em que Bella se desfaz dele.

Ademais, embora, baseando-se de Freud (2016), não se pode afirmar que durante os acontecimentos do período que vai do navio à Alexandria é literalmente um período de latência, uma vez que a falta de sexo está muito a ver com a ausência de parceiros – e sobre o afastamento de Bella em relação a Duncan – do que, necessariamente, à supressão do instinto sexual. Todavia, é possível atribuir uma função análoga a esse período, baseada em alguns elementos demonstrados na obra: Bella está focada no desenvolvimento de outras habilidades, através da sublimação, e há o desenvolvimento de barreiras psíquicas, relacionadas ao período de latência, o que será comprovado em Paris.

4.5 Paris

Em Paris, Duncan discute com Bella. Enquanto ela está totalmente animada por ter ouvido maravilhas sobre Paris, Duncan pergunta o que vão fazer em Paris sem dinheiro. O contraste de Bella levando aquilo apenas como um experimento de viver sem ter nada e Duncan confrontado com a realidade de não ter nada é evidente. Ela sai em busca de um hotel e acaba encontrando um bordel, a dona está em frente e barganha com Bella a possibilidade dela se prostituir. Bella, por sua vez, acha uma “confluência de circunstâncias”, já que queria descobrir como era fazer sexo com outro homem, ao mesmo tempo em que precisava de dinheiro.

Bella volta para onde Duncan ficou, dizendo ter conseguido algum dinheiro e conhecimento, ele pergunta se ela havia roubado. Ela responde dizendo que Duncan havia dito ser o melhor amante do mundo, mas que ela não sabia ser verdade, pois nunca havia conhecido

outro, “agora, eu sei”, completou. Enquanto ela contava os detalhes, Duncan ouvia consternado. A revolta de Duncan à comparação causa certa dúvida em Bella, já que ela havia confirmado que ele era melhor no sexo. Além, é claro, de todo o julgamento moral de Duncan, enquanto para ela não passava de um experimento. Ela não gosta da situação e entende que, se o simples fato dela fazer sexo com outro homem causava toda essa aversão por parte de Duncan, ele não serviria para casar-se com ela: “Nossa aventura terminou, lhe darei uma passagem para Londres”. Então, a revolta de Duncan vai ganhando camadas, uma vez que ela tinha dinheiro todo esse tempo, e Bella responde que era “o dinheiro de God, para emergência”, e Duncan, ao retrucar que “é uma emergência há semanas”, pega todo o dinheiro de Bella e vai embora.

Bella volta ao bordel, uma vez que afirma precisar de “sexo e dinheiro”. Contudo, no desenrolar do arco, ela demonstra não concordar com certas coisas, como não poder escolher o homem com quem terá coito ou o mau cheiro que muitos exalavam, sendo repreendida por Swiney (a dona do bordel), que deixa claro que “precisamos ceder às exigências do mundo, às vezes” e que “há homens que preferem que você não goste”. Desse modo, ao mesmo tempo em que Swiney não se importa com o bem-estar de Bella, defendendo até aspectos sádicos, a protagonista expõe barreiras psíquicas ao instinto sexual fundamentais no desenvolvimento de sua sexualidade, o nojo é mostrado de forma mais clara (FREUD, 2016).

Ainda no bordel, ela conhece uma mulher que sempre tenta lhe ajudar, é Toinette, e será importante para o descobrimento de Bella com relação ao que aconteceu com seu corpo, uma vez que, depois de transarem, Toinette pergunta sobre o bebê de Bella, que não entende, então Toinette aponta para uma cicatriz no abdômen de Bella que indica uma cesárea. Poderia ser interessante retomar à discussão de Freud (2016) sobre inversão, considerando que ela se relaciona sexualmente com outra mulher e até amorosamente, levando em consideração que o relacionamento perdura de uma forma ou de outra, todavia, é como se Pobres Criaturas (Lanthimos 2023) não abrisse para os aspectos tão discutidos e trazidos no texto dos Três Ensaio; é apenas um evento que aconteceu.

Com o foco do filme retornando à casa em Londres, vê-se que Godwin, por sua vez, está morrendo e pede para McCandless encontrar Bella. Este é o tema que norteia o próximo capítulo. Após encontrar e interpelar Duncan, que estava preso e aparentemente insano, sempre se referindo à Bella como alguém que destruiu sua vida, McCandless consegue localizá-la e o arco se encerra com uma carta recebida por Bella, que anuncia a morte iminente de Godwin. Aqui, algumas coisas ganham mais camadas, talvez pela maturidade aparente de Bella ou mesmo pelas experimentações no navio. O fato é que, conforme o arco se desenvolve, dinheiro e sexo ganham novas conotações. Agora ela entende que, a partir do dinheiro, algumas necessidades básicas são

atendidas e lhe é apresentada a prostituição, exploração do sexo para conseguir dinheiro. Além disso, o sexo não é mais apenas prazer e descoberta, mas também o convívio com o asco e a submissão à vontade de outros.

4.6 Londres

Bella retorna à casa de Godwin, diz que tem perguntas a fazer e a primeira é se já teve um bebê dentro dela, e, se teve, “onde está?”. Godwin responde que, para todos os efeitos, ela é seu próprio neném e “suponho que também seja a mãe... E nenhuma das coisas. Nenhuma lembrança sobrou, nenhuma experiência sobrou”. A cena corta para Bella lendo as mesmas anotações que McCandless havia descoberto. Durante um diálogo com Godwin, Bella diz que acha fascinante estar viva e por isso perdoa o ato, mas que odiou as mentiras e a prisão.

O plano do casamento é continuado depois de Bella perguntar a McCandless se ele aceitaria o fato de ela ter sido prostituta e diz que Duncan “ficou chorão e desbocado quando soube”, e receber uma resposta positiva. Entretanto, durante o casamento, um homem se declara contra a união e a chama de Victoria (o mesmo nome pelo qual uma mulher a chamou em Lisboa), Duncan está com ele, o denunciante da história, baseando-se em Freud (2016), essa é uma demonstração do amor se transformando em ódio, como já havia sido exposto em vários outros momentos durante o filme. O homem que invadiu o casamento e afirma ser o marido dela é General Alfredo Blessington e a convoca para retornar à sua antiga vida, embora Bella não tenha nenhuma memória desse casamento, decide acompanhá-lo para saber mais sobre Victoria.

Bella descobre, então, que Victoria e Alfredo eram um casal que torturava seus funcionários de forma física e psicológica. Bella questiona o que fez a mulher (Victoria) pular da ponte e tem como resposta “você odiava o bebê, chamava-o de monstro”. Alfredo sugere o que soou para Bella como uma nova prisão e ela a recusa, então ele a ameaça depois que a cena muda e Bella tenta sair da casa, mas está trancada. Ele já havia mencionado uma certa “histeria sexual” em Bella quando perguntou se era verdade que ela havia se prostituído. Então, é mostrada uma cena em que Alfredo conversa com um homem sobre arrancar o clitóris dela e diz que “dessa vez vamos conseguir”, dando a entender que aquilo já fora tentado antes, o que Bella vê pela fresta da porta. Essa ideia de castração é baseada na premissa de que o instinto sexual teria origem puramente orgânica, mais especificamente nos genitais, algo que não é necessariamente verídico, uma vez que há estímulos psicológicos e as zonas erógenas não se resumem aos genitais (FREUD, 2016).

O plano de Alfredo dá errado e, como esperado, Godwin morre. O fim da história é sobre Bella descobrindo o que ela é. Na verdade, descobrindo o processo pelo qual foi “criada” e tendo que conviver com sentimentos, muitas vezes, ambíguos em relação às pessoas com quem conviveu inicialmente: McCandless e Godwin. Ao longo do filme, Bella foi descobrindo valores baseados em melhorar aspectos humanos, principalmente empatia (quando se compadece com a pobreza, por exemplo), e, nesse arco, ela descobre que a pessoa a quem sua origem é imputada – Victoria – não foi alguém que se adequou a esse ideal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar o filme *Pobres Criaturas* (Lanthimos 2023), com particular interesse no desenvolvimento da sexualidade da personagem Bella. Para tanto, levou-se em conta que o longa-metragem não necessariamente possui a necessidade de retratar a realidade, tampouco ser fidedigno a um aparato teórico; uma relação de explicação mútua também não é esperada. Todavia, há alguns contextos e ocorrências que contemplam uma forma de ilustrar a teoria freudiana, mesmo que de forma caricata. Propositadamente, não é dito em nenhum momento do filme uma aproximação de quantos anos teria a criação de Godwin, pode-se chamar Bella assim. Contudo, o desenvolvimento da personagem passa por fases, não necessariamente as que Freud descreveu nos *Três Ensaio*s, mesmo assim, há elementos comuns entre as duas e que são úteis no trabalho de análise. Dessa forma, em cada arco que é dividido o filme, é possível notar mudanças significativas em Bella.

Embora não seja possível responder qual a idade de Bella, no decorrer da análise foram mencionadas semelhanças que ela exibia, desde traços muito claros de alguém que vive a infância à descoberta de sua vida sexual adulta. Uma narrativa que começa infantilizando a personagem, envereda por caminhos de exploração da vivência sexual, passa por um período de desenvolvimento de habilidades desvinculadas ao sexo que retorna posteriormente, à medida em que Bella ganha complexidade. Assim sendo, tal qual foi feita a analogia sobre o período de latência, é passível de considerar, para fins de análise, que Bella mimetiza períodos análogos à infância, puberdade e adultez.

As elaborações teóricas dos ensaios mostraram-se como potentes recursos para delinear aspectos referentes a estes períodos à medida que foram surgindo elementos condizentes. Porém, vale ressaltar que ao seguir a narrativa do filme, foi deixado de lado aspectos fundamentais para a teoria, exemplo disso é a formação de zonas erógenas, que se inicia na sucção. Por ser algo presente nos bebês, não pôde ser observado no filme, entretanto, perdas como esta não

inviabilizam o trabalho de analisar o filme. Portanto, este trabalho se propõe, também, a ser uma ferramenta pela qual pode-se estudar Freud, o próprio autor, durante sua obra, exemplificou conceitos usando casos clínicos e obras literárias.

De todo modo, o instinto sexual percorreu um caminho único em Bella, pode-se considerar que ele deu um jeito de se manifestar com o que a personagem dispunha, como explicitado. Houve tentativas de freá-lo, viver em cultura ofereceu desafios e interações que foram abordadas em parte neste trabalho, fica claro que a própria teoria freudiana dispõe de aspectos outros, possíveis de abordar respectivas temáticas, no que concerne Pobres Criaturas (Lanthimos 2023), as quais não foram propostas aqui. Todavia, ver o desenvolvimento da sexualidade de Bella ajuda a pensar o texto dos Três Ensaio, de Freud.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Freud. os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. O caso dora - volume 6**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2016. ISBN 9788535927832.

POOR Things (Pobres Criaturas). Direção: Yorgos Lanthimos. Produção: Ed Guiney. Irlanda; Reino Unido; Estados Unidos: Searchlight Pictures, 2023. Disponível em: Nos Cinemas. Acesso em: 18 fev. 2024.

RIVERA, Tânia. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2008. 77 p. ISBN 978-85-378-0096-6.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. London: Penguin Books, 2003.

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002. ISBN 85-306-0311-6.

VARMAZI, Eleni. The weirdness of contemporary greek cinema. **Film International**, v. 17, n. 1, p. 40-49, 1 mar. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1386/fiin.17.1.40_1. Acesso em: 18 out. 2024.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Sobre a análise fílmica psicanalítica. **Subjetividades**, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.5187>. Acesso em: 18 out. 2024.